

Resistência urbana através da metanarrativa: o direito ao território mobilizado através de festas e memória social ritualizada

Urban resistance through metanarrative: the right to territory mobilized through parties and ritualized social memory

Marília Passos Apoliano Gomes^a 

Resumo Este artigo é resultado da minha pesquisa de doutorado em Sociologia, que investiga a relação entre identidade e memória local para manutenção da ocupação do Poço da Draga, em Fortaleza-CE. Objetiva compreender de que maneira as visitas podem ser vistas como formas de resistência e ativismo e de que formas a identidade e a memória ajudam a solidificar ações de resistência. Também analisa as narrativas de pertencimento utilizadas para garantir a permanência em áreas valorizadas por projetos de “revitalização urbana”. Para chegar a essa compreensão, foram analisadas as estratégias coletivas de memorialização, como os rituais de aniversário, as rodas dos Guardiões da memória e as visitas guiadas. A pesquisa teve cunho qualitativo-interpretativo, utilizando técnicas como observação participante, entrevistas semi-estruturadas e análise de documentos e dados secundários. O trabalho de campo para a tese ocorreu entre 2015 e 2017, sendo posteriormente complementado com a atualização de dados documentais e participação em visitas guiadas em 2021 e 2022. Concluí que as visitas guiadas e os aniversários despertam memórias e contribuem para a organização coletiva, constituindo resistência contra o deslocamento e, ainda que não sejam confrontos diretos, mostram-se efetivos em fortalecer a comunidade.

Palavras-chave Direito à cidade; Resistência; Memória; Identidade; Rituais.

Abstract *This article is the result of my doctoral research in Sociology, which investigates the relationship between identity and local memory for maintaining the occupation of Poço da Draga, in Fortaleza-CE. It aims to understand how visits can be seen as forms of resistance and activism and how identity and memory help to solidify resistance*

a Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: mariliapassos@ufpi.edu.br

actions. It also analyzes the narratives of belonging used to guarantee permanence in areas valued by “urban revitalization” projects. To reach this understanding, collective memorialization strategies were analyzed, such as anniversary rituals, Guardians of Memory circles and guided tours. The research had a qualitative-interpretive nature, using techniques such as participant observation, semi-structured interviews and analysis of documents and secondary data. Fieldwork for the thesis took place between 2015 and 2017, and was subsequently complemented with the updating of documentary data and participation in guided tours in 2021 and 2022. It concludes that guided tours and anniversaries awaken memories and contribute to collective organization, constituting resistance against displacement and, even though they are not direct confrontations, they are effective in strengthening the community.

Keywords *Right to the city; Resistance; Memory; Identity; Rituals.*

INTRODUÇÃO

Este texto é resultado da minha pesquisa de doutorado (Gomes, 2019), que investiga a relação entre identidade e memória local na proteção do Poço da Draga, uma área histórica de Fortaleza-CE. A ocupação está intimamente ligada ao mar e à Praia de Iracema, bairro turístico, o que torna o local altamente disputado. Nas últimas décadas, a região se valorizou no mercado imobiliário e houve diversas tentativas de remoção, revelando a natureza excludente da intervenção urbana por parte de agentes estatais e privados. Isso gera mobilização de grupos marginalizados e ONGs, que se organizam para enfrentar essas ameaças, cujos projetos propiciariam a remoção da favela. Além de agentes externos, o Poço da Draga atrai há décadas a atenção de pesquisadores de várias áreas (Feitosa, 1993; Oliveira, 2006; Sousa, 2006; Gondim, 2008; Oliveira; Barbalho, 2017; Rodrigues, 2019).

Segundo a pesquisa comunitária “Um olhar sobre o Poço” (2016)¹ e o último Censo Municipal (Fortaleza, 2019), na localidade existem cerca de 350 casas e entre 1300 e 1600 moradores. Conforme a pesquisa comunitária, 57% das famílias vivem no Poço há 50 e 70 anos e 39% dos entrevistados declararam ter renda entre 0,5 e um salário mínimo; 33%, 1,5 a 2 salários; 28%, de 2,5 a 4 salários. Racialmente, 58,8% se afirmaram pardos/as; 26,2%, pretos/as e 15%, brancos/as. A prevalência de população pobre e negra é emblemática, o que também se verifica nos estudos de Jaime Alves (2018) e Stela Paterniani (2023), demonstrando que os processos de segregação sócio-espacial e de gentrificação operam por marcadores de classe e raça.

¹ Pesquisa ainda não publicada, mas tive acesso aos questionários e mapas produzidos durante a pesquisa de campo, ao que discuto os dados obtidos no quinto capítulo de minha tese (Gomes, 2019).

Uma forma de resistência às ameaças são as visitas guiadas por um morador geógrafo, que destacam “locais de memória” (Polak, 1989) e reafirmam a identidade da favela. Essas visitas buscam desafiar a imagem negativa da área e consolidar a luta contra as remoções. Durante as atividades, o guia transmite memórias (Candau, 2012) e incentiva a formação de jovens guias. De que maneira as visitas podem ser vistas como formas de resistência e ativismo? De que maneira a identidade e a memória ajudam a solidificar essas ações coletivas? Este estudo também analisa as narrativas de pertencimento utilizadas para garantir a permanência em áreas valorizadas por projetos de “revitalização urbana”.

Esta pesquisa, de cunho qualitativo-interpretativo, utilizou técnicas como observação participante, entrevistas semi-estruturadas e análise de documentos e dados secundários, incluindo pesquisas anteriores do Laboratório de Estudos da Cidade (LEC-UFC). Desenvolvi o trabalho de campo entre os anos de 2015 e 2017, totalizando 12 meses de observação sistemática. As frequentes idas ao campo permitiram a realização de uma etnografia sociológica (Beaud; Weber, 2007), fundamentada na construção de vínculos de proximidade e confiança. A observação participante me permitiu compreender a formação e a articulação dos movimentos locais e a importância dos rituais de memorialização, vez que estive presente durante os eventos e em diversas reuniões preparatórias para os aniversários e as visitas guiadas. Destaco ainda que tanto a observação quanto a realização das entrevistas tornaram possível acompanhar a realização do levantamento da pesquisa comunitária acima referida.

MOVIMENTOS URBANOS, DIREITO À CIDADE E PLURALIDADES DE MOBILIZAÇÃO EM DIREÇÃO A UMA “NOVA CIDADANIA”: OS AGENTES POLÍTICOS

Esta pesquisa analisa uma experiência de mobilização de uma comunidade de baixa renda por uma demanda relacionada ao direito à cidade (Lefebvre, 1991): a permanência em seu território, na ocupação que reivindicam como centenária, defendendo-se de projetos de remoção empreendidos por empreendimentos públicos e privados ao longo de décadas. Na visão do Lefebvre, as cidades devem ser os espaços sociais que possibilitem a todos “condições e oportunidades equitativas” de acesso a bens públicos e serviços, tais como direito à saúde, à educação, à habitação e ao trabalho digno. As dinâmicas de mobilização de moradores referem-se ao direito à cidade, pleiteando do Poder Público e da sociedade o reconhecimento da legitimidade da ocupação em função dos argumentos antiguidade e memória, defendendo que fazem parte da própria memória de Fortaleza. Pretendi, por meio

da investigação, compreender como se dá essa mobilização específica pela efetivação do direito à cidade, através das estratégias e dos rituais de comemoração e de inscrição territorial, por meio das visitas guiadas.

Os movimentos sociais se formaram em função de reivindicações e assuntos diversos, como as questões fundiária, urbana, ambiental, étnica e de gênero. Parto das teorias e estudos de movimentos sociais de Ana Maria Doimo (1995), Irllys Barreira (1992), Evelina Dagnino (1996), Maria da Glória Gohn (2008), Ruth Cardoso (1996), Jan Bitoun (2004) e Olívia Perez (2024). Aqui, destaco as mobilizações sociais urbanas (MSU), que influenciam a criação do ambiente urbano, abrangendo moradia, estruturas e os serviços comunitários relacionados à área urbana. São agenciamentos coletivos, mais ou menos estáveis, que envolvem indivíduos diversos, cuja identidade está associada à escala espacial. De acordo com Barreira (1992), a emergência dos movimentos sociais teve um papel fundamental na transformação do entendimento sobre o que significa praticar política.

Atualmente, percebo que o “campo de mobilização” dos residentes se tornou mais dinâmico e acessível, alinhando-se à ideia de uma arena de disputas, conforme abordado por Daniel Cefai (2002) e Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1981). Dessa forma, o foco não é mais apenas o levantamento dos agentes atuantes, mas a análise dos interesses que permeiam essa “arena pública” no contexto da luta pelo direito à moradia, interligado à memória, conforme descrito por Cefai: “Como as arenas públicas se articulam ao redor de dinâmicas de constituição de problemas públicos, das quais participam as mobilizações coletivas? A questão é menos a do “público e seus problemas” que do “problema e de seus públicos” (Cefai, 2002, p.16). Os movimentos sociais são mais do que meras estruturas materiais de mobilização, constituindo espaços de sociabilidade, em que se apresentam oportunidades de interação que influenciam as dinâmicas de convivência. Eles estruturam a relação entre objetos, normas e indivíduos, regulando o que seus integrantes podem fazer, ver ou expressar, situação que percebemos na análise dos eventos no Poço da Draga. Com essa abordagem, busquei entender de que maneira a memória se transformou em uma “questão” para a comunidade, revisitando o processo de construção dessa articulação em relação ao território e à memória, com base nas experiências compartilhadas pelos residentes.

A MOBILIZAÇÃO COLETIVA EM TORNO DOS EVENTOS: OS AGENTES POLÍTICOS.

Sobre as organizações que unem os moradores por direitos e melhorias na comunidade, a primeira foi a Associação de Moradores, criada em 1980 (Oliveira,

2006) e com papel significativo até a década de 1990. Entre o final da década de 1990 e os anos 2000, sua atuação foi diminuindo. Diversos fatores podem ter contribuído para esse esvaziamento: a saída das Irmãs Josefinas, que ajudavam na mobilização da comunidade, disputas relacionadas à presidência da associação, tensões entre membros católicos e evangélicos, a ocupação da área do Pocinho e o crescimento do tráfico de drogas na região.

A região era marcada por forte rivalidade pela liderança da Associação e uma dessas disputas resultou em um grande conflito. Em 2003, um candidato evangélico conquistou a presidência (Oliveira, 2006). A antiga presidente, Amélia², não aceitou essa derrota e iniciou um novo movimento, fundando a ONG Velaumar em 28 de janeiro de 2003. A ONG foi presidida por Amélia até sua morte em 2011 e, desde então, suas filhas Bruna e Cíntia passaram a liderar a organização. Um aspecto interessante no Poço é a evidente linha de sucessão familiar de lideranças, o que também foi analisado por Neivânia Rodrigues (2019).

Em 2015, surgiu um outro movimento, o ProPoço, formado por um grupo de amigos durante os preparativos para a celebração dos 109 anos da comunidade, composto por um residente (Cláudio), uma ex-residente (Luciana) e três amigos deles. Após o evento mencionado, decidiram continuar suas atividades com o objetivo de promover ações culturais no Poço, especialmente no Pavilhão Atlântico, para dar destaque às lutas locais. O grupo se conheceu trabalhando no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, todos com alguma conexão à cultura, patrimônio e memória. O grupo tinha como meta desenvolver projetos voltados para o Poço, sob a bandeira “Pró Poço”, promovendo ativismo cultural. Com o aniversário de 2015, houve uma maior coesão e um direcionamento para tornar essas iniciativas efetivas. Desse grupo, tive a chance de testemunhar várias das primeiras reuniões durante o trabalho de campo.

Em 2014 e 2015, minha participação se limitou a acompanhar o aniversário, mas em 2016 e 2017 estive envolvida na preparação, especialmente nos meses que antecederam o evento. Na organização, dois grupos se destacaram: a ONG Velaumar, com mais trajetória, e o Movimento ProPoço. Essas reuniões, na maioria das vezes, eram realizadas na sede da ONG e eram promovidas pelos coletivos locais. Boa parte dessas atividades ocorria no Pavilhão, um espaço comunitário bastante considerado pelos moradores, que abrigou nos anos 1930 uma espécie de estação onde havia um café homônimo, no período em que a Ponte Metálica

2 Por questões éticas e de proteção aos entrevistados, optei por atribuir nomes fictícios a todos os moradores, o que ocorreu ao longo de todo o trabalho.

servia de porto. Após a mudança para o Porto do Mucuripe, o espaço teve muitos usos nas décadas posteriores, como uma escola dirigida por uma congregação de Irmãs Josefinas até o início dos anos 1990. No início dos anos 2010, o prédio foi demolido para a reconstrução do Pavilhão Atlântico, em referência ao antigo café.

OS ANIVERSÁRIOS: INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO, EXPRESSÃO DA MEMÓRIA E LUGARES DO PASSADO

Um aspecto fascinante relacionado ao Poço é a realização de grandes celebrações anuais, que marcam os aniversários tanto da Ponte quanto da região. Destaca-se que a Ponte Metálica é um referente material e simbólico, vez que as profissões relacionadas ao âmbito marítimo - pescadores, portuários, estivadores - estão ligadas à Ponte e à existência do Poço. Sobre o surgimento da ocupação, os moradores/as atribuem o ano de 1906, quando ocorreu a reforma do cais que foi o primeiro porto de Fortaleza, o Viaduto Moreira da Rocha e hoje, chamado de Ponte Metálica. Compreendo que utilizar a data de inauguração da Ponte, 26 de maio de 1906, como um marco de origem vai contra uma análise histórica estrita. A construção da memória social acontece paralelamente à História, frequentemente se utilizando de eventos históricos específicos, mas sem se limitar a eles. Nesse contexto, “a memória duradoura ignora a cronologia estrita da História e suas datas exatas que definem o fluxo do tempo” (Candau, 2012, p. 87).

Muitas vezes a história opera como construção de apagamentos, silenciando o passado e impossibilitando que certos grupos tenham suas narrativas legitimadas. Nesse sentido, Trouillot afirma que “toda narrativa histórica renova uma pretensão de verdade” (2016, p.27) e há muitas ambiguidades na construção da história, pois esta “sempre é produzida num contexto histórico específico. Os atores históricos também são narradores, e vice-versa” (2016, p. 52). Assim, os eventos no Poço da Draga representam um esforço de afirmação de que a localidade foi central para a história de Fortaleza e que os moradores são narradores legítimos, o que não aparece em livros ou filmes, não está no imaginário da cidade.

As festividades do Poço da Draga funcionam como “espaços de memória” (Nora, 1993), já que são organizadas por famílias da região para mobilizar recordações coletivas. A celebração é vista como uma tradição, embora seja relativamente recente, o que pode parecer contraditório. Hobsbawm e Ranger afirmam que “frequentemente, as ‘tradições’ consideradas antigas são, na verdade, bastante novas, quando não são pura invenção” (Hobsbawn; Ranger, 1984, p. 9). A criação de tradições envolve processos de formalização e ritualização que fazem referência ao passado, mesmo que essa conexão se estabeleça apenas pela repetição. Essa

invenção é um ato ritual e não configura uma distorção da realidade, mas uma construção positiva dos indivíduos, ressaltando sua legitimidade para contar suas narrativas, assim como no caso do Poço, a relevância política de reconhecer sua presença na região ao longo de várias décadas. A escolha dessa data reflete uma estratégia (Certeau, 2012), uma vez que representa uma forma de “arte dos desfavorecidos”, empregada nas lutas diárias contra discursos que marginalizam e deslegitimam as favelas.

Destaco que ali as datas festivas sempre foram amplamente celebradas - como o Dia das Mães, a festa junina, o Dia das Crianças, o Natal. Esses eventos eram organizados pelas lideranças e pelas Irmãs Josefinas, que estiveram presentes até o início da década de 1990. Com a saída das freiras, as celebrações passaram a ser conduzidas pela Associação de Moradores, porém essa entidade gerava divisões. De acordo com as pessoas entrevistadas, a comunidade sofreu com a saída das freiras, especialmente em termos de coesão e sociabilidade. Acredito que a criação da data comemorativa, a partir de 2011, buscou reverter essa perda de união e recuperar o entusiasmo de que muitos diziam sentir falta. O surgimento dessa nova tradição parece, de alguma forma, remeter ao período em que, segundo os relatos, o Poço era marcado por maior coesão e solidariedade, quando as festas realmente “uniam a comunidade”. Um aspecto significativo é que os eventos e encontros eram frequentemente realizados no Pavilhão ou nas “Irmãzinhas”, como ainda é chamado o local. Esse espaço continuava a desempenhar um papel social e simbólico em quase todos os eventos do Poço da Draga.

Acredito que as pessoas que participaram da celebração tentaram recriar uma “comunidade de espírito”, como descrito por Tönnies (1973). O intuito da festa parece ser mais voltado para unir diferentes gerações, assegurando que as “memórias” sejam transmitidas dos mais velhos para os mais jovens, cristalizando relatos dos primórdios da ocupação. Por isso, a presença dos “Guardiões da memória” se torna um aspecto tão simbolicamente significativo, ocorrendo em todas as festividades de aniversário. Havia um consenso de que os mais velhos são portadores da maior legitimidade. Fenômeno semelhante foi analisado por Bosi (1994), que discorreu sobre o papel social dos idosos, destacando sua experiência de vida. Esse reconhecimento os tornava aptos a participar de entrevistas ou a representar a localidade em eventos como audiências públicas. No Poço, havia grande preocupação das lideranças em mobilizar os mais jovens para a continuidade da defesa do território, em um temor de que as memórias e a organização local findassem. Em uma interessante pesquisa sobre as tabancas, espécies de associações locais

em Cabo Verde, Trajano Filho (2012) analisa fenômeno análogo sobre o medo da “perda” e a compreensão dos idosos como “salvaguarda” das histórias locais.

Desde que começaram a comemorar aniversários, a realização de eventos como saraus, cineclubes e o Arraial dos Namorados se intensificou, tornando o Pavilhão mais visitado por residentes e não residentes. Compreendo que a instituição de uma data de celebração visou reforçar o direito dos moradores de permanecer no local. A escolha da data de inauguração da Ponte Metálica (26 de maio de 1906) possibilitou a reivindicação de uma “ocupação centenária”, representando uma tática para evitar remoções. O tempo servia como o argumento principal e era através dele que quase todos os relatos dos moradores se iniciavam.

A celebração do aniversário tinha como meta destacar o Poço da Draga, valorizando as realizações dos habitantes e o caráter de ser uma “comunidade especial” e “serena”, ao mesmo tempo em que buscava reivindicar do governo as necessidades históricas, como a implementação de saneamento básico. Havia também a intenção de recontar a história da região, por meio de eventos narrativos que incluíam visitas guiadas e os Guardiões da Memória. Atualmente, as atividades programadas, que se estendem por vários dias, acontecem em três locais: a Ponte Metálica, a praia próxima a essa Ponte e o Pavilhão Atlântico. Nestes três pontos, a ligação entre o Poço e a Ponte sempre foi enfatizada, tanto nas falas dos habitantes quanto pela evidente proximidade física.

A RESISTÊNCIA ATRAVÉS DA METANARRATIVA: AS FESTAS E A MEMÓRIA SOCIAL RITUALIZADA

De acordo com Paul Connerton, “as comemorações desempenham um papel importante nos grupos, levando à criação e à reafirmação de costumes que se transformam em automatismos corporais” (Connerton, 1993, p. 5-6). A cerimônia tem uma função que abrange tanto a memória (recordação) quanto a formação da identidade, pois o que é lembrado é exatamente a identidade do coletivo, estabelecida por meio de uma narrativa abrangente oriunda da cerimônia.

Além de facilitar a socialização e reforçar a união interna, assim como a identidade e a memória do Poço da Draga, observei que uma das finalidades dos eventos festivos era buscar solucionar os conflitos, tanto na comunidade quanto com o exterior. Outro objetivo era identificar as pessoas envolvidas nas atividades locais, aquelas nas quais se pode confiar para o futuro.

Assumi o desafio de considerar os aniversários do Poço da Draga como eventos que incorporam elementos rituais ou performáticos, nos quais se contava a história da origem do lugar e outros aspectos que conferem legitimidade. Pesquisadores

como Peirano (1995; 2003), Connerton (1993), Schechner (2012), Gluckman (2010) e Cavalcanti (2014) oferecem diversas ferramentas analíticas para entendermos a socialização ritual. De acordo com Peirano, a definição de rituais não deve ser feita de maneira rígida e antecipada. Cada grupo tem eventos que possuem grande significado para eles, sendo exclusivos e especiais.

Durante o trabalho de campo, notei que as celebrações de aniversário do Poço da Draga exibem características rituais ou performáticas, configurando-se como eventos ritualizados. Os rituais não apenas transmitem mensagens, mas também realizam ações e significados, sendo “uma maneira de as pessoas se recordarem. Rituais são memórias em movimento, codificadas através da ação” (Schechner, 2012, p. 32). Os eventos referidos como rituais, que incluem aniversários, visitas guiadas e os Guardiões da memória, não só narram a história do Poço da Draga, mas também afirmam e reafirmam identidades. Além disso, a dimensão ritual serve como uma manifestação simbólica que revela muito sobre os indivíduos envolvidos.

Partindo do conceito de experiência e de expressões (Bruner, 1986), trago a conexão entre as ideias de subjetividade e coletividade. Ultrapassando a dicotomia entre indivíduo e sociedade, busquei entender o significado das celebrações de aniversário para os residentes do Poço da Draga. Os rituais representam a manifestação da experiência. A experiência possui um caráter formador e transformador, desempenhando um papel crucial na ativação da memória. Os rituais narram, por meio dos corpos, a história dos coletivos, funcionando como textos gravados nas individualidades (Connerton, 1993). As celebrações permitem que se revelem as narrativas de uma comunidade sobre si mesma, nelas se realizam rituais que reforçam a memória coletiva. Connerton afirma que “investigar a formação social da memória é investigar os processos de transmissão que possibilitam a recordação em conjunto” (Connerton, 1993, p.47). A questão central diz respeito à “memória incorporada” ou “memória-hábito”. É por meio dessa memória habitual, frequentemente negligenciada pela teoria, que valores e crenças são transmitidos entre gerações, assegurando a permanência dos grupos. O ato de passar adiante e preservar a memória grupal se concretiza por meio dos corpos, através de performances rituais, com a importância de analisar as celebrações e as práticas corporais como ferramentas desse sistema comunicativo.

As celebrações comemorativas resgatam aspectos que constituem a identidade do grupo, criando durante esses eventos uma forma de “autobiografia coletiva”: “A comunidade revisita sua própria identidade, expressando-a e narrando-a em uma metanarrativa, [...] uma versão coletiva da memória pessoal [...], a atribuição

de significado ao passado como uma forma de autobiografia coletiva” (Connerton, 1993, p.86).

Connerton alinha-se às definições de Candau mencionadas anteriormente sobre as “narrativas da identidade comunitária”. Entendo que os acontecimentos no Poço da Draga têm um papel central nesse processo, pois permitem que as pessoas expressem sua autobiografia coletiva. Ao debaterem sobre esses temas, o passado torna-se um elemento que fortalece tanto o presente quanto o futuro da região.

AS VISITAS GUIADAS: ATUALMENTE, OS EXPRESSOS DO POÇO DA DRAGA

Todo ano, durante os aniversários e outras celebrações, Cláudio, morador e geógrafo, conduzia visitas guiadas, que se tornaram uma tradição na comunidade. Essas ocasiões servem para que os jovens desenvolvam um sentimento de pertencimento e preservem a “memória do lugar”, ao mesmo tempo em que atraem visitantes curiosos. Durante as caminhadas, Cláudio discute a memória e identidade dos espaços, citando autores como Milton Santos e afirmando que a preservação da Ponte Metálica é essencial para Fortaleza.

As caminhadas geralmente começavam na praia próxima à Ponte, conectando as raízes pesqueiras da região. Cláudio compartilha a “cultura viva” dos moradores, mostrando como os espaços são palimpsestos, continuamente reescritos e reinterpretados, como o Pavilhão, que já teve diversas funções e hoje é rebatizado. Ele acreditava que essas explorações eram cruciais para jovens e visitantes, permitindo que eles se familiarizem com as narrativas locais. O guia confere legitimidade às histórias, não apenas por seu conhecimento técnico, mas por sua vivência de mais de 30 anos na área. Ele destaca que a origem de Fortaleza está ligada ao Poço da Draga, o primeiro porto da cidade, ao redor do qual a urbe se expandiu.

Particpei de 19 visitas entre 2014 e 2019 e verifiquei que, nelas, o guia enfatizava tanto a macrohistória ou macronarrativa (importância do Poço para a Praia de Iracema e para Fortaleza) quanto as microhistórias ou micronarrativas (as várias versões do nome Baixa Pau, as tragédias da “Casa do espanto”³, dentre outras) que vão sendo desfiadas como o Fio de Ariadne nas visitas guiadas: o fio que narra e constrói uma visão de mundo da localidade. As caminhadas são tessituras, são costuras, vai sendo formada uma enorme colcha de retalhos tecida sobretudo nas conversas entre os mais velhos, entre gerações e nos eventos extraordinários.

3 Trata-se de um imóvel localizado na Av. Almirante Tamandaré, próximo da Vila dos Correios, em que teriam ocorrido muitas mortes trágicas, inclusive um assassinato, sendo assim considerada uma casa mal-assombrada. Nas visitas guiadas, sempre é feita uma menção a essa casa.

Uma interpretação interessante sobre as visitas guiadas foi feita por Oliveira e Barbalho: “Se o Poço da Draga é uma cidade invisível para Fortaleza, Fortaleza e seus símbolos são transformados e renomeados na gramática de quem é ignorado e também ignora” (Oliveira; Barbalho, 2017, p.10).

Em 2016, as visitas transformaram-se em “Expressos”, aludindo a uma viagem de trem e conectando-se à história local. Cada “estação” tinha um significado profundo, com histórias coletivas sendo compartilhadas. Essa prática enriquece a narrativa da comunidade, mostrando a força das memórias que moldam seu espaço. O tour guiado é uma prática comum em comunidades faveladas no Brasil, funcionando como turismo comunitário e fonte de sustento. No Poço, as visitas adaptam-se à linguagem e símbolos locais, utilizando a metáfora do trilho e do trem expresso. Embora muitos locais visitados se relacionem com a história das famílias, a contribuição de Cláudio foi crucial na concepção e execução do projeto. Das visitas em que participei, em seis anos, apenas uma vez outro morador liderou a visita, evidenciando que Cláudio é a referência quando se fala em explorar a área.

O lançamento do Expresso em 2016 visava institucionalizar as visitas, desejando que o trajeto fosse reconhecido por moradores e turistas. Cláudio sonhava que os jovens se tornassem guias do futuro, esclarecendo que o objetivo do evento era “formar possíveis jovens guias e ajudar os moradores a perceberem a relevância de sua região”. As visitas costumavam focar nas ruas centrais, o que gerou comentários de que as caminhadas não eram dirigidas aos moradores, especialmente em eventos de aniversário, quando as tensões se tornavam visíveis.

Busquei conectar meu estudo com a teoria das práticas cotidianas de Michel de Certeau (2012). Ele destaca a invenção e criatividade dos habitantes urbanos, criticando a ideia de passividade no consumo cultural. Vejo as visitas guiadas como caminhadas autênticas, que se tornam uma forma de escrita. Certeau argumenta que a cidade é moldada pela criatividade dos pedestres, e o Poço da Draga pode ser visto como um texto continuamente escrito pelas práticas de seus moradores.

As caminhadas são rituais que ajudam a fortalecer o senso de pertencimento. Durante os eventos, frequentemente se lembram de territórios que não possuem mais, como “locais confiscados” pelo governo. Recordar-se da remoção da “Praia Formosa” na década de 1970, que levou muitas famílias ao Conjunto Palmeiras, além de um campinho de futebol que agora faz parte da Indústria Naval. Essas narrativas de caminhada representam escritas táticas (Certeau, 2012) e uma tentativa coletiva de mostrar que fazem parte da história da Praia de Iracema. Retratar as transformações nas casas e ruas é um ato de afirmação pessoal e político. Três

locais são frequentemente mencionados: o mar, a ponte e “As Irmãzinhas”, hoje Pavilhão Atlântico.

As celebrações de aniversário têm caráter político, afirmando a presença contínua dos moradores ao longo das gerações. Eles não apenas resistem, mas também homenageiam seus antepassados. A pesquisa da Prefeitura em 2013 revelou que 60% dos residentes nasceram na área, e o Censo comunitário indicou que 87% estavam no Poço há pelo menos três décadas.

Durante as celebrações e outras visitas, as menções a lugares que já não existem, como a casa das “irmãzinhas” perto da Ponte Metálica, eram frequentes. Essa construção remete à significativa atuação das Irmãs Josefinas, que deixaram o Poço na década de 1990. Mesmo quase três décadas depois, essa ausência ainda é sentida, evocando os pensamentos de Michel de Certeau:

O que impressiona mais [...] é o fato de os lugares vividos serem como presenças de ausências. O que se mostra designa aquilo que não é mais: “aqui vocês *veem*, aqui *havia*...”, mas isto não se vê mais. Os demonstrativos dizem do visível suas invisíveis identidades: constitui a própria definição do lugar, com efeito, ser esta série de deslocamentos e de efeitos entre os estratos partilhados que o compõem e jogar com essas espessuras em movimento (Certeau, 2012, p.175).

Pollak (1992) nos leva a refletir sobre o Pavilhão Atlântico como um “espaço de recordação”, devido às constantes menções que dele fazem boa parte dos moradores.

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração (Pollak, 1992, p. 2-3).

O Pavilhão sempre foi um espaço de celebração, exercendo um papel importante tanto em aniversários quanto em visitas guiadas, como já mencionado. Atualmente, existem esforços para revitalizar esse ambiente, através da realização de eventos como saraus, cineclubes e o Arraial dos Namorados, com o objetivo de atrair mais visitantes, tanto residentes quanto não-residentes. É importante destacar que, desde a abertura da nova quadra poliesportiva ao lado do Pavilhão

em fevereiro de 2016, o número de pessoas que frequentam o local diariamente aumentou consideravelmente. Seja no Pavilhão, na quadra ou nas áreas de ginástica situadas entre esses dois pontos, é comum ver grupos utilizando a infraestrutura em qualquer dia da semana. Ademais, a partir do aniversário de 108 anos em 2015, foi criado o Movimento ProPoço, que, como já mencionei, tem promovido diversas atividades culturais no Pavilhão. Inicialmente, essas ações focavam apenas em música, sob o título de “Poço do Som”, mas com o tempo foram se expandindo e diversificando.

A TEMPORALIDADE COMO ELEMENTO DE VALIDAÇÃO

O tempo é visto como um elemento que valida histórias, e é comum a ideia de que o Poço é uma área muito antiga, independentemente de ser centenária ou não. Por conta de sua antiguidade, muitos residentes acreditam que têm direito ao reconhecimento de suas propriedades, deslegitimando as iniciativas para deslocá-los de suas casas. Em contrapartida, percebi que nem todos demonstravam a mesma preocupação em preservar essa memória coletiva. Os mais idosos, como eu já suspeitava no começo da investigação, exibiam uma maior preocupação com a ideia de uma “memória esquecida” do Poço e da Praia de Iracema. Esses eram, em sua maioria, a primeira ou a segunda geração das famílias que se estabeleceram na região. Sempre que tinham a oportunidade, buscavam contar suas histórias, transmitindo para as gerações futuras os relatos do passado e suas origens, que eram de grande importância para eles.

Entre os jovens, notei uma preocupação variável com essas questões, mas tornava-se claro que eles abordavam menos esses assuntos, preferindo discutir temas como relacionamentos, esportes, lazer e música. Durante a maior parte do período em que realizei minha pesquisa de campo, os lugares com maior aglomeração de jovens foram a Ponte Velha e a Quadra Poliesportiva. Assim, a maioria deles se dedicava a atividades como jogar futebol, nadar, treinar para triatlo ou interagir socialmente, principalmente nesses locais. Além disso, percebi que uma parte significativa dos jovens mais velhos possuía smartphones e demonstrava um forte interesse por fotos, aplicativos e redes sociais.

Questionei-me sobre como ocorre a transição das recordações pessoais para as expressões coletivas. Dois dos participantes da minha pesquisa frequentemente enfatizavam a relevância de “preservar a memória”, de criar registros duradouros, e mencionavam a necessidade de desenvolver iniciativas como museus e memoriais coletivos, além de conduzir estudos históricos acerca do Poço da Draga. Essas

pessoas, em particular, não pertenciam às gerações mais velhas; eram nativas da região, embora um deles já não resida mais no Poço.

O que mais me impressionou nesse contexto foi que as visitas guiadas eram elaboradas com base na visão de Cláudio, um residente que também é geógrafo e pesquisador. Ele se dedicava a reunir literatura e documentos sobre a Praia de Iracema, armazenava fotografias, conduzia entrevistas e me contava que conversava com os mais experientes para transmitir as informações da maneira mais precisa possível. O empenho memorial desse projeto era significativo, merecendo ser reconhecido e divulgado. O caminho da visita guiada, por exemplo, foi definido por esse morador. Assim, a narrativa local era apresentada por meio de sua perspectiva, refletindo sua interpretação das memórias do local. Em 2016, o trajeto da visita guiada foi batizado de “Expresso Poço da Draga”, com os pontos de parada organizados como estações de trem e a intenção de, futuramente, instalar banners em cada local. Podemos nos perguntar: o que justificou a escolha dos pontos “x” e “y” ao invés de outros?

É importante destacar que esse residente era amplamente reconhecido pela comunidade, que o via como uma figura autêntica, tanto por ser morador quanto pesquisador. Apenas uma única vez sua legitimidade foi questionada. Durante todo o meu trabalho de campo, recebi apenas uma indagação isolada, proveniente de outro entrevistado. Este mencionou especificamente o percurso da visita guiada, sugerindo que deveria ser diferente. Sua observação não teve a intenção de menosprezar Cláudio, mas sim de afirmar que o Poço da Draga poderia ser melhor apreendido se o trajeto incluísse uma passagem “por dentro”. Ele expressou a percepção de que havia uma certa limpeza na apresentação, com ênfase nas “partes mais agradáveis” do local, insinuando que, se fosse o guia, destacaria outras ruas e becos. Diante desse questionamento, nova reflexão surge: como ocorre a transição da memória individual para a memória coletiva? Quantas narrativas seriam necessárias para validar uma versão que seja compartilhada pela maioria do grupo? Não seria mais interessante investigar quais estratégias os indivíduos utilizam para solidificar a memória coletiva do Poço da Draga? Quem está se envolvendo e agindo nesse contexto? Quais ações estão sendo realizadas? Quais pessoas ou grupos estão participando?

Os grupos estruturados são, em sua essência, a ONG Velaumar e o movimento ProPoço, que desempenham um papel fundamental na organização de eventos na comunidade. No entanto, é importante ressaltar que havia outros residentes importantes para as atividades de socialização e preservação da memória, como uma senhora que realiza diversos saraus, Dona Fabrícia. Tive a oportunidade

de participar de alguns desses saraus em sua residência e notei que ela é muito admirada na região, sendo carinhosamente chamada por alguns de “madrinha da comunidade”.

Nesse contexto, a investigação me levou a perceber que os grupos organizados não são os únicos responsáveis pela formação das memórias e pelo fortalecimento da identidade. Embora sejam essenciais e frequentemente ganhem destaque, no dia a dia, essas memórias também são reforçadas por indivíduos como Dona Fabrícia e outras mulheres que organizam os saraus. Uma diferença notável entre as atividades promovidas pelos grupos e aquelas coordenadas por Dona Fabrícia é a forma como são divulgadas e o público que atraem, uma vez que são mais divulgadas de forma informal e costumam acontecer em sua casa, resultando em uma participação significativa dos moradores, especialmente das mulheres mais velhas. Além disso, essa construção de memória no cotidiano pode ter um impacto ainda maior devido à sua regularidade, não dependendo de grandes eventos para se manifestar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da investigação, havia membros do grupo que manifestavam uma preocupação significativa com a preservação e a formalização da “memória coletiva”, para que essa não se dissipasse. Esse empenho visava essencialmente salvaguardar a identidade e a união do grupo. Essas pessoas eram as que mais enfatizavam esse propósito como fundamental para a comunidade, criando estratégias para essa preservação que procuravam transmitir aos demais integrantes, ao mesmo tempo em que reforçavam e validavam tanto as “narrativas oficiais” quanto a contribuição dos mais velhos, reconhecendo-os como “narradores legítimos”, em maior ou menor grau.

Além da inquietação dos residentes locais, é importante mencionar que diversos agentes externos desempenhavam o papel de “colaboradores externos”, sendo fundamentais na promoção do fortalecimento da comunidade e na preservação da memória. Um exemplo disso foram alguns movimentos sociais, associações e ONGs, como a Arquidiocese de Fortaleza em conjunto com a ONG Centro de Defesa e Promoção de Direitos Humanos (CDPDH), que atuaram no final da década de 1990 e início dos anos 2000. Mais recentemente, o movimento Quem Dera Ser um Peixe (Gondim, 2013a; Rodrigues, 2013), já mencionado, se aproximou da região. Esse grupo, que se organizou a partir das críticas à construção do Aquário, promoveu diversas atividades na Praia de Iracema, algumas delas no Poço da Draga, expressando apoio aos moradores e lutando pela sua permanência

na área, assim como contra a edificação do Aquário. A mobilização ganhou grande visibilidade nas redes sociais e foi responsável por campanhas impactantes, que incluíam anúncios, curtas-metragens e depoimentos. A preservação da memória da Praia de Iracema e do Poço da Draga estava entre os principais temas abordados pelo movimento.

Percebi que as visitas guiadas são abordagens que ativam memórias e identidade, ajudando a validar a permanência dos residentes, funcionando como uma forma distinta de ativismo contra as ameaças de deslocamento. Essas ações não representam um enfrentamento explícito, mas sim um tipo de resistência mais sutil, que, mesmo assim, revela-se eficaz. Os esforços para remoção têm sido contestados com a colaboração de variados agentes, como o Escritório de Direitos Humanos Frei Tito, organizações não governamentais e grupos ativistas, incluindo o movimento Quem Dera Ser Um Peixe. Este último desempenhou um papel importante na resistência à construção do Acquario Ceará, que poderia comprometer a estabilidade da comunidade (Rodrigues, 2013; Gondim, 2013). Em resposta às tentativas de remoção, uma das estratégias de luta tem sido a “fixação” do espaço por meio dessa marcação e tecelagem da cultura local. As caminhadas enfatizam que a continuidade de alguém no território é validada pelo tempo e não por um título de propriedade. Assim, valoriza-se a memória da comunidade, pois é essencial que se lembrem de suas raízes para poderem compartilhar essas histórias em cada visita.

A relevância deste estudo reside na exploração das diversas questões relacionadas à formas de mobilização social diferenciadas, no que tange ao uso pelos agentes coletivos das relações entre memória, identidade e territorialidade. Meu objetivo foi entender as interações entre esses fenômenos, ficando evidente como a memória e a identidade desempenham papéis significativos nas disputas socioespaciais nas áreas urbanas. Essa conexão tornou-se clara ao analisar as declarações de muitos habitantes, que utilizam o tempo e a memória de maneira estratégica para fundamentar a permanência no local. Nesse contexto, percebi que uma parte dos moradores reconhece a importância da memória como uma estratégia de diferença e, simultaneamente, como uma forma de “resistência”.

Aqui realizei uma análise das disputas relacionadas à memória e das formas de transmissão desta, enfatizando a repetição e a solidificação da memória, especialmente em eventos cíclicos e ritualizados, como aniversários, visitas guiadas e atividades dos Guardiões da Memória. Tais eventos foram frequentemente contextualizados, permitindo a identificação da relação entre eles e o fortalecimento da identidade local.

Após conduzir a pesquisa, observei que a principal característica da mobilização política no Poço da Draga são as táticas e os meios de recordação que as pessoas têm utilizado para reforçar suas memórias. Isso inclui a criação de espaços para a expressão de suas histórias, além de eventos recorrentes como aniversários, visitas orientadas e as rodas dos Guardiões da Memória.

As visitas guiadas, também conhecidas como Expressos, podem ser entendidas como autênticas caminhadas-descritivas, seguindo a ideia de Michel de Certeau (2012). Elas funcionam como narrativas do espaço, formando uma maneira específica de manifestar a memória em determinada região. As celebrações anuais, como os aniversários da Ponte e do Poço da Draga, têm como intuito reafirmar periodicamente que a ocupação tem uma longa história, o que legitima o direito de residência e a permanência, tanto em nível individual quanto coletivo.

Ressalto que a reafirmação da memória não se restringia apenas a momentos significativos ou a eventos regulares que rompem a rotina das famílias. Inicialmente, essas iniciativas coletivas foram destacadas devido às características únicas do Poço da Draga, que são bastante cativantes e representam as riquezas da região. Contudo, a “memória coletiva” era transmitida e reconstruída no dia a dia da comunidade, através de diversas ações, diálogos e reuniões: as histórias eram recontadas e ajustadas de acordo com as emoções, sentimentos e visões dos habitantes.

A relevância do espaço para os residentes foi uma das constatações mais significativas do estudo, evidenciando que a conexão profunda das famílias com a localidade inclui um forte laço com o bairro, com o mar, com o Poço em sua totalidade e, acima de tudo, com os microterritórios e seus lares. O intenso apego à residência e ao Poço foi notado em praticamente todos os eventos, assembleias e, especialmente, nas entrevistas.

No Poço da Draga, a história se entrelaçava com a atualidade, assim como em diversos outros casos. O Pavilhão era uma edificação com camadas de passado, assim como as residências ao redor. Diante disso, percebi que eram palimpsestos temporais, estruturas sobrepostas no aspecto material, simbólico e emocional. As ausências se manifestavam simultaneamente como vazios e como elementos presentes, conforme destacou Certeau (2012).

Na investigação que realizei, constatei que no Poço da Draga os elementos de identidade, memória e territorialidade se entrelaçam, formando uma relação de fundamento e suporte mútuo. O território se configura como um componente essencial da identidade, enquanto a identidade, por sua vez, é desenvolvida em interação com o território. A memória e a identidade, conforme discutido por

Candau (2012) e diversos autores mencionados, são inseparáveis, representando diferentes aspectos de um mesmo fenômeno. A ausência de memória inviabiliza a identificação, ao passo que, sem uma identidade, não faz sentido abordar a memória. Ademais, a memória se relaciona intimamente com o território e, quando consolidada, pode servir como um instrumento de resistência contra possíveis deslocamentos, fortalecendo a ocupação da área, como demonstrado no caso do Poço da Draga.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Jaime Amparo. *The Anti-Black City: Police terror and black urban life in Brazil*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 2018.
- AUGÉ, Marc. *As formas do esquecimento*. São Paulo: Íman Edições, 2001.
- BARREIRA, Irllys. *O reverso das vitrines: Conflitos Urbanos e Cultura Política em construção*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.
- BEAUD, Stephane; WEBER, Florence. *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BITOUN, Jan (2004). Movimentos sociais urbanos e a trajetória do urbanismo. *Revista Cidades* (Grupo de Estudos Urbanos), Presidente Prudente, v. 1, n. 1, p. 67-78.
- CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARDOSO, Ruth. “A trajetória dos movimentos sociais”. In: DAGNINO, E. (org.). *Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1996, p.35-57.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro (Org.). *Rituais e performance: 4 estudos clássicos*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2014.
- CEFAI, Daniel (2009). Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. *Revista Dilemas* (UFRJ), v. 2, n. 4, Rio de Janeiro, p. 11-48.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta, 1993.
- DAGNINO, Evelina. (Org.). *Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- DOIMO, Ana Maria. *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- FEITOSA, Luiz Tadeu. *A favela e a biblioteca*. São Paulo: Annablume, 1993.
- FORTALEZA. Prefeitura Municipal de Fortaleza. *Censo Municipal de 2019: resultados preliminares*. Fortaleza: Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, 2019.

- GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 237-265.
- GOHN, Maria da Glória. *Novas teorias dos Movimentos Sociais*. São Paulo: Loyola, 2008.
- GOMES, Marília Passos Apoliano (2019). *Um mar de histórias: memória, identidade e territorialidade no Poço da Draga*. Tese (Doutorado). Fortaleza: Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.
- GONDIM, Linda Maria de Pontes. A favela depois do Estatuto da Cidade: novos e velhos dilemas à luz do caso do Poço da Draga (Fortaleza-CE). *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, São Paulo, v. 10, n. 2, nov. 2008.
- . O Acquario e os peixes: grandes projetos de requalificação urbana e movimentos sociais. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGIA, 29, 2013, Santiago. *Anais do XXIX Congresso do ALAS*. Santiago: [s/n], 2013.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.
- OLIVEIRA, Heloísa M. Alves (2006). *O Poço da Draga e a Praia de Iracema: convivência, conflitos e sociabilidades*. Dissertação (Mestrado). Fortaleza: Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.
- OLIVEIRA, Bruna L. F. Lima; BARBALHO, Alexandre. Histórias da terra e do mar: narrativas cartográficas sobre direito à cidade na comunidade poço da draga sob uma perspectiva descolonial. In: ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 10, 2017, Fortaleza. *Anais do X ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ*. Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/eu/article/view/27050/56557>>. Acesso em 10 jan. 2018.
- PATERNIANI, Stella Zagatto (2023). Ocupações, práxis espacial negra e brancopia: para uma crítica da branquidade nos estudos urbanos paulistas. *Revista de Antropologia*, 65(2).
- PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- PEREZ, Olívia Cristina (2024). Legados de Junho de 2013: a proliferação dos coletivos para além do campo dos movimentos sociais. *PSICOLOGIA USP (IMPRESSO)*, v. 35, s/n, p. 1-10.

- PICCOLO, Fernanda Delvalhas. A gramática nativa: reflexões sobre as categorias morro, rua, comunidade e favela. In: FRUGOLI JR, Heitor et. al. (Org.). *As cidades e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte: Ed. USP, 2006, p.330-352.
- POLLAK, Michael (1992). Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p.200-212.
- NORA, Pierre (1993). Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Projeto história*, São Paulo, n. 10, p. 7-28.
- RODRIGUES, Neivania Silva. *O Movimento dos Peixes: do Acuario às Ruas*. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais), Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013.
- . *Organizações não governamentais: o caso da Velaumar, no Poço da Draga* (Fortaleza-Ce). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2019.
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira. *Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SCHECHNER, Richard. O leque e a rede (de *Performance Theory*). A rua é o palco. In: LIGIÉRO, Zeca (org.). *Performance e antropologia de Richard Schechner*. RJ: Mauad X, 2012.
- SOUSA, Vancarder Brito (2006). *A Cidade e a Favela: o “Poço da Draga” e a requalificação urbana em Fortaleza*. Tese (Sociologia). João Pessoa: Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba.
- TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico ideais. In: FERNANDES, F. (org.). *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 6-116.
- TRAJANO FILHO, Wilson. Patrimonialização dos artefatos culturais e a redução dos sentidos. In: Livio Sansone. (Org.). *Memórias da África: patrimônios, museus e políticas das identidades*. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2012, v., p. 11-40).
- TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o Passado: Poder e a Produção da História*. Curitiba: Huya, 2016.